

MEMÓRIA E HISTORIOGRAFIA: A CHAMA DAS IDEIAS RADICAIS

*Maria Arminda do Nascimento Arruda**

Os livros de Florestan Fernandes, *A Contestação Necessária: Retratos Intelectuais de Inconformistas e Revolucionários* e *Em Busca do Socialismo: Últimos Escritos e Outros Textos*, publicados postumamente, representam o coroamento da sua trajetória de intelectual e militante. Congregando reflexões escritas em momentos diversos, estas duas obras expõem a face engajada da sociologia de Florestan, nas quais salientam-se o carácter crítico e a sua adesão incondicional ao socialismo.

Um problema comum percorre as páginas dos dois livros, manifesto na tentativa de conciliar, a todo o momento, a condição de sociólogo e de socialista. Perspectiva, aliás, que já reafirmara no prefácio de *A Revolução Burguesa no Brasil* e referendara em inúmeros depoimentos. Essas edições arrematam, por esse motivo, percurso que remonta, pelo menos, há vinte anos, período de explicitação da sua perspectiva política, quando se defrontou com a imposição do novo exercício intelectual, a partir da aposentadoria compulsória da Universidade de São Paulo.

Se é certo que as concepções socialistas nunca estiveram ausentes do horizonte de Florestan, atestadas na sua relação com o Partido Socialista Revolucionário, de orientação trotskista, durante o decénio de 1940 até o início de 1950, o peso da militância foi diferenciado no decorrer dos anos. O próprio sociólogo esclarece: "Não podia ser um militante devotado a todos os papéis e obrigações, ao mesmo tempo, pois logo entraram em cena as teses (de mestrado e de doutorado), que iriam ser uma fonte de atrito constante com os companheiros" (*A Contestação Necessária*, p. 159).

* Professora do Departamento de Sociologia da USP e Pesquisadora do IDESP.

Considerar, portanto, a contribuição de um autor da envergadura de Florestan no panorama da sociologia brasileira, pressupõe localizar rupturas, pontos de viragem na sua densa e multifacetada produção. Tal reconhecimento exige leitura cuidadosa, suficientemente alerta para evitar a tentação de se agarrar a um único fio condutor, monotemático, como se os últimos escritos já estivessem necessariamente contidos nos primeiros trabalhos. Risco dessa natureza seduz, comumente, avaliações mais ligeiras ou iminentemente politizadas que resvalam para o desenho de um perfil intelectual mal concebido. Se é verdade que o académico não foi permanentemente o militante, o sociólogo, não obstante, traduziu, já em 1946, a *Contribuição à Crítica da Economia Política* de Marx, para cuja edição elaborou competente introdução, buscando os fundamentos do materialismo histórico, perquirindo as questões metodológicas, reflectindo, enfim, sobre a importância da dialéctica para as Ciências Sociais.

Se a sua relação com o marxismo, nesse momento, possui conexão mais directamente intelectual, nas etapas posteriores afluí com outra intensidade, requalificando o seu significado, pois mescla-se fortemente ao empreendimento analítico, ao desenvolver a perspectiva de um diálogo intelectual e político com Marx. Segundo as suas palavras: "os problemas que ele debateu, os procedimentos de investigação e de acção revolucionária que perfilhou e as conclusões a que chegou fazem parte dos quadros de reflexão científica e de actividade política revolucionária que se reconstituem a cada instante" (*Em Busca do Socialismo*, p. 33).

A conciliação do intelectual e do político faz-se no prisma da compreensão aguda da sociedade brasileira, dos impasses do desenvolvimento capitalista no país, do drama de uma revolução burguesa frustrada que convive com a ausência de direitos ampliados e da democracia substantiva. É a partir dessa avaliação que se põe o socialismo, enquanto possibilidade única de realizar, efectivamente, a condição de cidadania e de real democratização. "Só do socialista o sociólogo pode retirar uma autêntica vocação sociológica crítica, susceptível de romper com o monolitismo cultural do pensamento conservador e com uma visão do mundo intrinsecamente contra-revolucionária, que exclui a ciência do momento de vontade política, que tende a unir o inconformismo intelectual às propensões revolucionárias das classes despossuídas. É nesses termos, aliás, que se coloca a tão discutida "imaginação sociológica"". (*Em Busca do Socialismo*, p. 162).

Florestan, desse modo, une indelevelmente a actividade intelectual à política, mas resguardando o papel do sociólogo por estar obrigado a "impedir, por todos os meios possíveis, toda e qualquer corrupção da investigação sociológica... No conjunto, não são os "donos do poder", mas os sociólogos que devem determinar a natureza e o alcance de sua contribuição à crítica e à transformação da sociedade" (*Em Busca do Socialismo*, p. 164). Não se abandona, portanto, o espaço da reflexão intelectual, mas se lhe confere novo estatuto.

Compreende-se, assim, o conteúdo desses livros recém-publicados. Ambos versam sobre a problemática da posição do intelectual crítico e procuram, através das ideias, a luz "de aspirações utópicas, que foram destroçadas pelas classes dominantes e pelo recurso extremo às duas ditaduras. Assinala esperanças frustradas, que se encontram pairando sobre a sociedade brasileira" (*A Contestação Necessária*, p. 12). O sentido dos livros subjaz na busca de um socialismo ou de um inconformismo que não morreram, pois sobrevivem na pena e na actuação de determinados intelectuais, entre os quais o próprio Florestan é exemplo paradigmático.

Em *A Contestação Necessária*, as três partes compõem-se de perfis variados de intelectuais radicalizados, não necessariamente socialistas, mas que conformaram uma herança que não pôde ser elidida. Os significados político e intelectual são evidentes: expressam-se na necessidade de impedir que as visões críticas sejam diluídas pela onda conservadora a varrer o mundo. Na primeira secção do livro – *O Intelectual e a Radicalização das Ideias* – são retomadas concepções críticas, inconformistas ou rebeldes, representadas por personalidades como Lula, José Martí, José Carlos Mariátegui, Caio Prado Júnior, Roger Bastide, António Cândido, Octávio Ianni, Richard Morse. Na segunda – *Prática Política Radical* – foram escolhidas figuras de militantes numa acepção alargada, como Luís Carlos Prestes, Gregório Bezerra, Carlos Marighella, Hermínio Sacchetta, Claudio Abramo e Henfil. Na terceira – *Reforma Educacional* – analisou-se Fernando de Azevedo, representante das forças intelectuais reformistas vigentes na sociedade brasileira.

O redimensionamento da concepção de intelectual permitiu-lhe constatar a presença do socialismo que "existe e vive na ótica reformista ou revolucionária de subalternos, operários ou não, e nas actividades dos intelectuais que alimentam as correntes das idéias contestadoras" (p. 24). No texto dedicado a Lula, Florestan pergunta-se sobre as condições que fizeram nascer as ideias de transformação do lider sindical em um ambiente carente de cultura socialista sedimentada, elaborando uma análise espessa sobre a realidade do Brasil de hoje. Em outras passagens, combina a observação arguta à sua própria memória, o que lhe permite tratar desses intelectuais como parte da sua trajectória. O livro constrói histórias compartilhadas, cujo ângulo de visão ora se aproxima, ora se distancia.

Em *Busca do Socialismo* reúne escritos tanto de cunho mais académico, como a republicação da introdução da *Crítica da Economia Política*, quanto mais de circunstância como artigos de jornal, entrevistas e textos ligados à actuação de Florestan como deputado do Partido dos Trabalhadores. Na primeira parte – *A Tradição Revolucionária* – o autor analisa as contribuições de Marx e Engels, de Lenin e Trotski. Apesar de atribuir a Marx posição incontestável no rol dos maiores pensadores do Ocidente, rejeita "converter seus escritos em catecismo", (p. 36) mas, concomitantemente, desconsidera as tentativas de transformá-lo num autor preso às investigações puramente

intelectualistas. As relações entre teoria e prática são, para Florestan, intrínsecas ao marxismo e fundamentais ao compromisso com a transformação da sociedade. Na segunda parte – *As Contradições do Capitalismo Dependente* – o sociólogo trata fundamentalmente do Brasil, das contradições do capitalismo dependente, da revolução autocrática burguesa, da questão democrática, dos problemas da modernização. Na última – *A Luta pelo Socialismo* – o carácter militante ressurgue com vigor e a condição de intelectual orgânico da classe trabalhadora é reiteradamente tematizada. Ou seja, é preciso "proletarizar-se em seu coração em sua consciência" (p. 196). No limite emerge, mesmo, uma crítica aos intelectuais: "Mas, como Lênin, desconfio dos intelectuais" (p. 247). O intelectual de partido deve anular as hierarquias no âmbito da instituição e nublar as distinções apoiadas nas competências: "Essas tarefas definem o comportamento político do operário e, por sua vez, também definem o comportamento político do intelectual" (p. 197). O terreno da prática política reverbera posições reconciliadas e o intelectual radical e socialista pode, por fim, encontrar o abrigo para as suas ideias contestadoras.

No fim da sua vida, Florestan Fernandes acolheu a união entre o sociólogo e o socialista e manteve viva a chama das suas concepções humanistas e radicais. "Em consequência, repõe o imperativo de salvar esperanças, que sobrevivem e crescem no substrato de uma sociedade capitalista fomentadora de contradições que convertem a radicalidade em estilo de pensamento e de acção, indispensável à construção de um futuro limpo da canga arcaica e ultraconservadora" (*A Contestação Necessária*, p. 13). Essas frases, por si só eloquentes, entranham os seus últimos escritos.